

A UTOPIA EUROPEIA

por Mário Soares

Em 25 de Março passado a Europa comemorou, com pompa e circunstância, em Berlim, capital simbólica, os cinquenta anos da sua existência, como tal. Cinquenta anos representa muito tempo, repleto de acontecimentos inesperados, às vezes contraditórios. É justo, por isso, celebrar a efeméride porque representa um momento decisivo de viragem para o nosso Continente, então ainda dividido e devastado pela mais horrorosa de todas as guerras e, indirectamente, para o resto do Mundo.

Vivi esse dia, já tão longínquo, com entusiasmo e com esperança, embora soubesse - e de que maneira! - que ele pouco dizia então ao nosso retrógrado e infeliz País, amordaçado pela Ditadura. Mas, inevitavelmente, tornava mais fácil o nosso combate anti-salazatrista, oferecendo-nos uma referência irrecusável de paz, de democracia pluralista, de respeito pelos Direitos Humanos e de bem estar para todos os europeus. Tudo o que, tragicamente, nos faltava em Portugal! Era um sonho, uma utopia, no sentido mais nobre da palavra, que vinha muito de longe, dos anos conturbados entre as duas grandes guerras, e que começava então a concretizar-se, graças à visão e à coragem política dos "pais fundadores": Robert Schuman, Jean Monnet, Paul Henry Spaak, Adenauer, De Gaspari...

Hoje a União Europeia, que passou de 6 a 27 Estados membros, em sucessivos alargamentos e por grandes e positivas transformações internas, sem perder (antes pelo contrário!) o seu imenso poder de atracção, vive um impasse, porventura dos mais graves da sua longa história. A Alemanha tem feito esforços muito meritórios - é justo reconhecê-lo - para fazer avançar o projecto europeu. Mas a França, em virtude do calendário eleitoral, não pode definir uma vontade até à nova eleição presidencial. São os constrangimentos inevitáveis da democracia, visto que, em democracia, o Povo é "quem mais ordena"...

Tudo resultou da rejeição do Tratado Constitucional - e da pausa embaraçada que se lhe seguiu - depois dos referendos negativos da França e da Holanda. No entanto, não esqueçamos que 18 Estados-membros, em 27, já ratificaram o Tratado e outros dois declararam, na recente reunião de Madrid, Espanha e Portugal, que estão prontos para o fazer. Quer dizer: 20 - ou 21 ou 22, em 27 - subscrevê-lo-ão sem dificuldades, com ou sem emendas. Ou seja: o Tratado não está morto, nem sequer ferido de asa, como alguns, com algum exagero, pretenderam...

Que falta à União Europeia para que retome o seu ritmo? Que o projecto se torne, no plano institucional, mais claro e coerente, uma vez que governar uma União a 27 não é o mesmo que governar a 6 ou até a 15. Que se avance no sentido da União Política e da União Económica (dado existir tão só uma União Monetária, mas não Económica). Que o modelo social seja sustentável, visto constituir uma das principais entidades europeias, sem o qual não haverá coesão social nem estabilidade política. Que a União se possa exprimir, em termos institucionais, a uma única voz, tanto em matéria de segurança e de política externa como nas questões ambientais. Numa palavra: que a União Europeia seja fiel aos seus valores.

Desde Maastricht (1992) que a União não é só uma União de Estados mas também de Povos.

Tratou-se de uma mutação qualitativa de extrema importância, da qual, infelizmente, até hoje, não se extraíram todas as implicações que a expressão contem. Trata-se da Europa dos Cidadãos que é urgente pôr definitivamente em marcha, para que todos os nacionais dos países membros se sintam verdadeiramente cidadãos europeus. Sem isso não há participação cívica efectiva na União, motor essencial para que as instituições europeias não sejam vistas, como tantas vezes tem acontecido, como estranhas às aspirações dos cidadãos europeus.

Nesse sentido, tenho esperança, na juventude que hoje, não duvido, manifesta um forte sentido europeísta. A Europa e a Democracia, para os jovens, são dados adquiridos, que eles não

põem sequer em dúvida. Para tanto, de resto, o projecto Erasmus, tem contribuído imenso, sendo considerado como um sucesso incontestável.

Cinquenta anos depois, a Europa, vai seguramente ultrapassar o relativo marasmo em que tem permanecido e sacudir o euro-cepticismo. A gente que hoje se reclama de Esquerda tem de perceber que, no mundo globalizado e injusto em que vivemos, a Europa é a grande utopia do sec. XXI, pela qual vale a pena lutar. Sem uma Europa unida e actuante não podemos resolver os problemas da paz, no nosso Continente e dar um contributo sério para os resolver no Mundo, bem como os problemas ecológicos que hoje tanto nos afligem. Também sem uma Europa Política não poderemos conservar o nosso modelo social, nem seremos capazes de lutar, eficazmente, contra a criminalidade internacional organizada, introduzindo algumas regras éticas indispensáveis na globalização, de forma a acabar com pobreza e com as grandes desigualdades que tanto afectam os Povos e as Nações.

Por isso, considero a União Europeia, não obstante as decepções e os atrasos dos últimos anos, um instrumento e uma bandeira que não poderemos deixar cair!

Lisboa, 29 de Março de 2007